

Arte, artistas, sofrimento



Por **PAULO NOGUEIRA BATISTA JR.***

Fragmentos ou estilhaços de um futuro livro

Hoje, querido leitor ou leitora, resolvi escrever uma crônica completamente diferente. Antecipar, na verdade, um pedacinho de um livro que estou escrevendo e que trata pouco, quase nada dos meus temas habituais – nem de economia, nem de política, nem de Brasil.

Desde os meus tempos de China, tenho feito anotações esparsas, na forma de sentenças, aforismos e crônicas. Pedacos, fragmentos ou estilhaços de um futuro livro. Acabei me fixando na palavra mais dramática – estilhaços. Queria chamar o livro de “Estilhaços do coração”. Mas uma das minhas primeiras e poucas leitoras não gostou do título. Achou a referência a “coração” apelativa, sentimental, novelesca. Outra amiga caiu na gargalhada quando soube do título... Não tive opção senão cortar, relutantemente, a palavra “coração”.

A relutância tem as suas razões – razões do coração que “a própria razão desconhece”, como disse um grande filósofo francês que não tinha receio de lançar mão do coração, da palavra e do próprio! Bem sei que Pascal tem todos os direitos, mas enfim.... Travei, entretanto: como cortar tranquilamente o coração, se o lado afetivo é fundamental no meu livro em gestação – e mais importante do que o seu lado fragmentário? Contudo, não queria que o livro fosse parar nas seções de autoajuda ou literatura sentimental das livrarias! E cedi. (Mas o leitor percebe, claro, que ressuscitei aqui o título original!).

Vou transcrever aqui algumas passagens de “Estilhaços” que dizem respeito quase sempre à arte, ao artista e ao sofrimento – ao sofrimento que é inseparável da beleza. Adianto que tratarei só de um tipo de arte e de um tipo de artista – do romantismo e do artista romântico, e não do artista iluminado ou iluminista. Em outras palavras, de Wagner, e não de Mozart. De *Lohengrin*, e não da *Flauta Mágica*. Vamos lá, então.

Sofrer, sofrer, sofrer – condição para escrever bem. Não queira ser artista, avisou Dostoiévski – a menos que tenha extraordinária capacidade de suportar sofrimento.

Um sedutor. O artista – sedutor, fantasioso, volátil – será sempre perigoso para os outros. Na vida real, o comum dos mortais deve evitá-lo, sempre que possível.

Papel inestimável do artista para o comum dos mortais, e por isso estes ficam-lhe eternamente gratos – saber dizer, saber expressar o sofrimento, sofrimento que no homem comum vive em estado bruto. O artista, mais sensível, mais propenso a sofrer esse sofrimento comum a todos, encontra formas de elevá-lo, valorizá-lo e mostrar que ele tem ou pode ter algum sentido.

Portanto, regra de sabedoria prática – amar a arte, mas manter prudente distância do artista.

Amoralidade ou imoralidade do artista. O verdadeiro artista está além do bem e do mal, dizia Nietzsche (ou digo eu, em paráfrase a ele). Mas não vamos esquecer que o verdadeiro artista conquista pelo sofrimento o direito de transcender o bem e o mal.

Beleza e sofrimento. A beleza, quando é muita, ofusca, paralisa, inunda – faz sofrer. Quem não pensou ao ver uma linda mulher – “tão bonita que chega a doer”.

a terra é redonda

Imaginação *versus* vivência. Os que não são imaginativos precisam sempre vivenciar. E não há problema nisso. O que é a imaginação comparada à vivência?

Segunda natureza. A educação e a cultura, a segunda natureza, ofusca e quase oblitera a primeira. Existe, por exemplo, amor puro, em estado bruto, sem literatura? Madame Bovary seria impensável sem a literatura romântica que consumiu e a consumiu. Em estado bruto, amor é sexo puro e simples. Mas nem isso existe mais. A segunda natureza se intromete em tudo.

Don Juan - uma tipologia incompleta. Tipos de Don Juan, da vida real e imaginária. O Don Juan doente, compulsivo sexual. O Don Juan impotente - o tipo talvez mais paradoxal: ameaçado pela impotência, busca a variedade para manter-se estimulado, para lutar contra a sua frágil pulsão sexual. O Don Juan romântico, da *Tondichtung* de Richard Strauss, em busca sofrida e inútil da mulher perfeita. O Don Juan mozartiano, alegre, despreocupadamente vidrado em muitas mulheres - o Don Giovanni da ópera. O Don Juan prudente, que procura na variedade uma forma de se proteger contra o maior risco de decepção amorosa quando se depende de mulher só. O Don Juan aflito, que busca na aceitação de um grande número de mulheres uma compensação pela falta de amor da parte da mãe, a mulher original - caso do personagem principal de *O Homem que amava as Mulheres*, do filme e do livro de François Truffaut.

Não cabe ao artista raciocinar. O artista deve mostrar apenas e explicar o mínimo possível. A explicação falseia, restringe. Erro de Truffaut, portanto, ao oferecer no prefácio do livro que decorreu do filme a chave para entender o personagem central do *Homem que amava as mulheres*: ele não seria quem foi, explica, um homem irremediavelmente fascinado por tantas mulheres, se tivesse tido mais sucesso com a própria mãe.

Regra artística sem arte. Regra número um do artista: fugir dos clichés como o diabo foge da cruz - formulação, como se vê, em que a regra viola a si mesma. Uma regra artística enunciada sem arte é pior do que nada. Por esse e muitos outros motivos, devemos deixar aos próprios artistas o privilégio de escrever e falar sobre arte.

Comparação entre Kant e Stendhal em Nietzsche. Nietzsche, que era, também, um artista, discutiu a ideia de beleza na sua *Genealogia da Moral*. O que é a beleza? perguntou ele. "Contemplação desinteressada", como propôs Kant, o não artista *par excellence*? Nunca. Antes: "Promessa de felicidade", como escreveu Stendhal, que falava com vivência de causa. Contraste elucidativo de opiniões! A quem confiar a beleza? Ao professor que classifica e organiza? Ou ao artista que vive e sofre a beleza?

Falar e outras formas de se expressar. A verbalização é uma forma da comunicação limitada, mais claramente dominante nos povos "civilizados", nos povos em que a razão prevalece. Acostumados, treinados a pensar logicamente, a respeitar os fatos, perdem o acesso a outras formas de interação. Ficam como que escravizados pela palavra. Nos povos "atrasados", a verbalização é desprezada, serve em geral de última instância. Antes dela, vem a comunicação corporal, pelo olhar, pela postura, pelos gestos, pela energia. Como última ou primeira instância, a verbalização oferece uma clareza ilusória, não raro mentirosa, pois as palavras, pretensamente unívocas, também guardam suas ambiguidades e mistérios.

Encontrar a própria voz. O grande momento, a revelação da vida de um escritor é quando ele encontra a própria voz. O que pressupõe, claro, que ele tenha chegado a ponto de escrever como quem fala, simulando a comunicação verbal.

Não existe propriamente naturalidade artística - toda arte é simulada, falseada, como já confessava, sem disfarces, Fernando Pessoa ("O poeta é um fingidor/Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente"). E como alertava também Platão, que dizia não gostar de poetas "porque eles mentem muito". E o curioso é que ele mesmo era um poeta, um poeta em prosa, mas poeta mesmo assim.

Prosa, poesia. A prosa tem que ser poética, não prosaica. Platônica, não aristotélica.

Instrumentos de sedução e encantamento. As palavras! Saber dizer, saber escrever! Como tudo, é prática, prática e... mais prática. Mas a base principal de tudo é a leitura. A leitura, mais do que a escuta, ensina melhor a escrever e mesmo a falar - e a escrever como quem fala, com a naturalidade sedutora e simulada de quem simplesmente conversa.

Sensatez e audácia como qualidades do espírito científico. Para defender a ciência dos seus inimigos, é preciso sensatez. Para fazê-la avançar, insensatez, audácia.

O cientista inovador é mais artista do que se pensa.

Perplexidade do artista romântico. Ser artista não é opção, mas destino, maldição. Meu deus, o artista sempre se pergunta,

a terra é redonda

porque tanto sofrimento para chegar a um pouco de beleza!

O destino cobra caro cada pinga de beleza.

Coração. Em inglês, há uma bela expressão popular romântica: “*My heart missed a beat*” – meu coração pulou/perdeu uma batida. Como em todas as línguas (as ocidentais, pelo menos), o coração – *heart, Herz, coeur, cuore, corazón* – é visto metaforicamente como a sede dos afetos, em especial os amorosos. E o bater do coração, como símbolo simples, intuitivo, da manifestação desses afetos.

Vida real, vida imaginada. A vida real, vivida, superior à vida imaginada, recriada? Duvidoso. Por um lado, a arte pode mostrar uma perfeição arrebatadora. Thomas Mann dizia que nada na vida real superava o impacto para ele de *Lohengrin*, em especial do prelúdio e do primeiro ato, que ele considerava “o ápice do romantismo”. Por outro lado, imaginar, apenas imaginar, não satisfaz plenamente. E a realidade não é mais criativa do que a arte? Tanto que o artista vive vampirizando, para seus propósitos criativos, a própria vida ou a dos outros.

A vida e o resto. Tudo que é essencial para a vida, frágil vida, sempre ameaçada, sempre vulnerável, foge ao alcance da razão, da razão pura e desassistida. O essencial é inacessível a ela, mas não ao coração. Já dizia Pascal, já ecoava Unamuno. Assim como também Pessoa, de modo diferente, em “Ilhas Afortunadas”: “Que voz vem no som das ondas/ Que não é a voz do mar?/ É a voz de alguém que nos fala,/ Mas que, se escutarmos, cala,/ Por ter havido escutar./ É só, se meio dormindo,/ Sem sabe de ouvir ouvimos,/ Que ela nos diz a esperança/ A que, como uma criança/ Dormente, a dormir sorrimos.”

Pascal *versus* Descartes. Em Pascal, o mais impressionante é a sua luta comovente com a razão, com a inteligência – em defesa de uma fé frágil, marcada por hesitações, por dúvidas dilacerantes. A dúvida que vale ouro – a de Pascal, não a de Descartes. Descartes, como notou Nietzsche, nem sabia duvidar direito. A sua dúvida metódica é uma piada, não resiste nem ao exame friamente racional.

O coração não precisa de defensores. Tão fácil desfazer do coração, desmontar as suas pretensões fantasiosas, denunciar os seus exageros e ridículos. Mas não adianta. O coração sobrevive a todos os assaltos e a todas as tempestades. Pela simples razão de que ele é o que temos de mais interior, de mais fundo em nós. Sobrevive por ser, ao fim e ao cabo, nada mais nada menos do que o que há de mais básico, mais enraizado dentro da alma. Raciocínios, argumentos, fatos acabam de nada valendo contra suas sedução, seus artifícios, seus truques e seus fascínios incontáveis.

Assim, Dostoiévski declarou com espalhafato: “Se me provarem que Cristo está contra a verdade, fico com Cristo e contra a verdade”.

Razões do coração. Nos embates com o coração, a razão machuca, abala, mas não consegue nunca aniquilar. A guerra continua sempre, sem vencedores e sem vencidos.

Era só isso, querido leitor ou leitora, que eu pretendia revelar hoje. Se tivesse uma noção mais apurada do ridículo, não teria escrito essa crônica *sui generis*. Estou com o coração na mão, confesso. Fiz o meu melhor. Mas o meu melhor é suficiente? Deixo a pergunta nas suas mãos carinhosas, leitor ou leitora.

O que me faz lembrar de uma cena maravilhosa do romance *Tess of the D'Urbervilles*, de Thomas Hardy, lindamente recuperada por Roman Polanski, no filme *Tess*, com Nastassja Kinski no papel principal. Recapitulo rapidamente. Tess recebe proposta de casamento, mas tem um segredo terrível que pode arruinar tudo. Incapaz de falar a respeito, escreve uma carta a ele, contando tudo – carta que termina dilacerada, assim: “*I pray, I hope, I Love you*” (“Rezo, espero, te amo”).

Toda confissão, inclusive esta que ora concluo, é sempre acompanhada de uma prece, da esperança de acolhida e, em última análise, de amor.

***Paulo Nogueira Batista Jr.** é titular da cátedra Celso Furtado do Colégio de Altos Estudos da UFRJ. Foi vice-presidente do Novo Banco de Desenvolvimento, estabelecido pelos BRICS em Xangai. Autor, entre outros livros, de *O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata (LeYa)*.

Versão ampliada de artigo publicado na revista *Carta Capital* em 29 de outubro de 2021.

A Terra é Redonda